

Fevereiro 2026

CARTA MENSAL



BNP PARIBAS
ASSET MANAGEMENT

O investidor
sustentável para um
mundo em mudança



- Gilberto Kfour Jr. -

CIO BNP Paribas Asset Management Brasil

// Caros leitores,
É com grande satisfação que apresentamos a edição deste mês da nossa Carta Mensal. Neste documento nossa equipe de gestão compartilha sua visão sobre os principais acontecimentos do mercado e suas perspectivas diante de um mundo em mudança.
Agradecemos pela confiança depositada em nosso trabalho e esperamos que essa carta contribua para sua compreensão do atual cenário de investimentos.

Atenciosamente, //

Gilberto Kfour Jr.
Chief Investment Officer
BNP Paribas Asset Management Brasil



ECONOMIA



- Andressa Castro -

Economista-chefe

// ESSE CONJUNTO DE RUÍDOS CONTRIBUIU PARA O ENFRAQUECIMENTO DO DÓLAR AO LONGO DO MÊS, ABRINDO ESPAÇO PARA UM AUMENTO DO APETITE POR RISCO E ESTIMULANDO A REALOCAÇÃO DE RECURSOS INTERNACIONAIS EM DIREÇÃO A ATIVOS MAIS ARRISCADOS //

ECONOMIA INTERNACIONAL

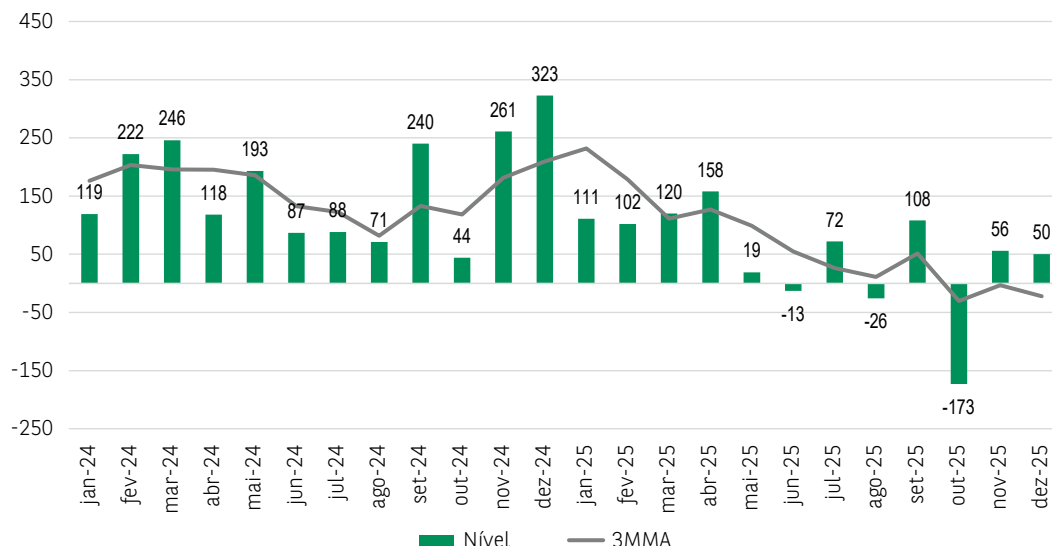
O mês de janeiro foi marcado por um ambiente global mais volátil, no qual fatores geopolíticos voltaram a desempenhar papel central na dinâmica do dólar. Episódios envolvendo os Estados Unidos, como a interferência militar na Venezuela, as ameaças de imposição de tarifas sobre países europeus no contexto das negociações relacionadas à aquisição da Groenlândia e as declarações sobre a possibilidade de intervenção no Irã, reduziram a atratividade da moeda americana como ativo de proteção. Esse conjunto de ruídos contribuiu para o enfraquecimento do dólar ao longo do mês, abrindo espaço para um aumento do apetite por risco e estimulando a realocação de recursos internacionais em direção a ativos mais arriscados, especialmente em economias emergentes.

Esse ambiente foi reforçado por um segundo vetor relevante: a transição na presidência do Federal Reserve. A indicação de Kevin Warsh por Donald Trump para substituir Jerome Powell em junho introduziu incertezas adicionais sobre o futuro da política monetária americana. A diferenciação entre o curto e o médio prazo ficou evidente na precificação dos mercados: enquanto Powell permanecer no comando, o mercado não espera cortes adicionais; porém, após a transição, o mercado precifica dois cortes de juros como cenário base. De fato, na última reunião, o FOMC optou por manter a taxa entre 3,5% e 3,75%, interrompendo o ciclo de afrouxamento e sinalizando que o patamar atual é consistente com o estágio do mercado de trabalho e com uma inflação ainda acima da meta. A despeito dessa pausa, permanece a expectativa de que o processo de normalização seja retomado após a mudança na liderança do Banco Central.

Tal normalização seria justificada pelo enfraquecimento do mercado de trabalho observada desde meados do ano passado. Esse arrefecimento decorre da redução da oferta de trabalhadores, influenciada pela limitação da imigração, e da menor demanda por mão de obra, evidenciada pela queda no volume de contratações. A média móvel de três meses ao final de dezembro (último dado disponível) aponta para uma destruição de 22 mil vagas de trabalho. Embora parte disso se deva aos cortes de cargos públicos, a criação de emprego privada também está rodando em patamares baixos, historicamente.

Gráfico 01

EUA: Criação de vagas de trabalho (nonfarm payroll, mil)



Fonte: Bureau of Labor Statistics, Janeiro 2026.

A expectativa de redução do diferencial de juros dos EUA versus os de seus pares, combinada às dúvidas sobre a independência do Fed à incerteza geopolítica têm reforçado o impulso de diversificação por parte dos investidores estrangeiros. Assim, moedas e bolsas de países emergentes têm recebido fluxos significativos, beneficiando inclusive o Brasil.

Gráfico 02

MSCI Emerging Markets (Índice)



Fonte: Bloomberg, Janeiro 2026.

// EM SUA ÚLTIMA REUNIÃO, O COPOM INFORMOU QUE DARÁ INÍCIO AO CICLO DE CORTES DE JUROS EM MARÇO, EM LINHA COM O NOSSO CENÁRIO BASE. //

ECONOMIA BRASILEIRA

No cenário doméstico, o real segue se valorizando na esteira do ambiente externo mais favorável. Apesar de nossos modelos apontarem que a moeda brasileira teve desempenho inferior ao de outros pares latino-americanos no movimento de apreciação observado em janeiro, ainda assim o real acompanhou parcialmente essa tendência global.

Gráfico 03
Taxa de Câmbio - USDBRL



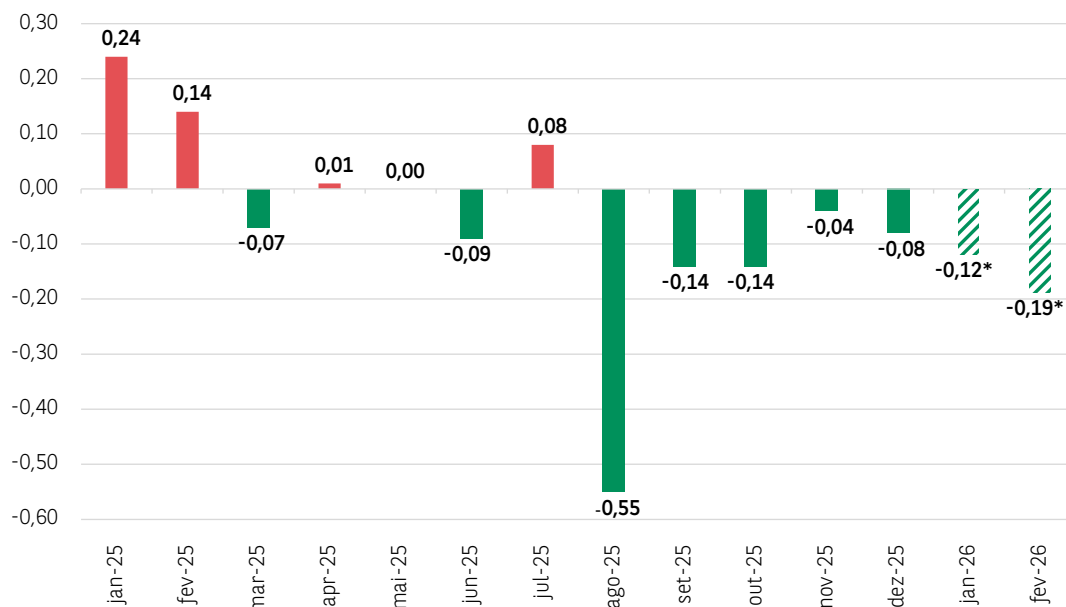
Fonte: Bloomberg, Janeiro 2026.

A valorização cambial continua sendo um dos principais fatores contribuindo para a desaceleração inflacionária, reforçando o alívio já observado em 2025, principalmente sobre bens industriais. Além do efeito câmbio, a desaceleração gradual da atividade econômica tende a reduzir a pressão sobre a inflação de serviços. Embora o mercado de trabalho permaneça firme, esperamos um arrefecimento ao longo do ano, respondendo ao aperto monetário. Nesse contexto, a inflação deve manter a trajetória de moderação, em linha com nossa projeção de 3,9% para o final de 2026.

A inflação corrente tem apresentado um comportamento benigno, com uma desaceleração do índice cheio, bem como dos núcleos subjacentes. Tanto o mercado quanto o próprio Banco Central tem sido surpreendido pelas leituras do IPCA mais baixas do que o projetado inicialmente, levando a uma queda das expectativas de inflação. Essa melhora dos dados correntes e o arrefecimento das expectativas de inflação permitiram ao Banco Central sinalizar com maior clareza sua intenção de iniciar o processo de normalização monetária.

Gráfico 04

Diferença entre IPCA e projeção do BC



Fonte: Banco Central, IBGE e BNPPAM, Janeiro 2026. *comparação da projeção do BC com BNPPAM.

Em sua última reunião, o COPOM informou que dará início ao ciclo de cortes de juros em março, em linha com o nosso cenário base. Avaliamos que a decisão sobre o ritmo de redução dependerá da evolução dos indicadores econômicos e do comportamento do câmbio. No cenário atual, projetamos um ciclo com cortes sequenciais de 50 bps, com a Selic chegando a um nível próximo de 11,75%. No entanto, o orçamento total do ciclo dependerá da reação do mercado ao processo eleitoral, sobretudo do comportamento da taxa de câmbio.

	2025	Proj 2026	Viés
PIB	2,3%*	2,0%	=
IPCA	4,26%	3,9%	↑
Selic	15,00%	11,75%	↑
R\$/US\$	5,47	5,40	↓
Primário (%PIB)	-0,5%	-0,5%	↓

Elaboração: BNPPAM Brasil; Atualizado em Janeiro/2026

RENDA FIXA E MULTIMERCADO



- Michael Kusunoki -

Head Renda Fixa & Multimercados

// À MEDIDA QUE ENTRAMOS NO CICLO PROPRIAMENTE DITO, AINDA PODE HAVER RECUOS ADICIONAIS DA INFLAÇÃO, PRINCIPALMENTE SE O CÂMBIO SEGUIR MAIS VALORIZADO. //

Enfim entramos na fase em que o ciclo de queda da Selic começa a ganhar forma.

O Banco Central iniciou, de maneira mais explícita, o ritual que antecede o início da flexibilização monetária. A sinalização é clara: o primeiro corte deve ocorrer em março, provavelmente de 50 bps. Mais importante, acreditamos que o ciclo total tende a superar o que está hoje precificado, algo em torno de 290 bps. A extensão completa, no entanto, não é um número estático — será ajustada conforme a evolução dos dados e a dinâmica dos riscos ao longo do ano.

Nos meses que antecedem o primeiro corte — justamente quando o aperto monetário atinge seu grau máximo — o comportamento típico é de queda da inflação. Foi por isso que preferimos manter maior exposição ao juro nominal recentemente, dado que ele costuma reagir mais rapidamente nesse ambiente. À medida que entramos no ciclo propriamente dito, ainda pode haver recuos adicionais da inflação, principalmente se o câmbio seguir mais valorizado. Mas, do ponto de vista de ciclo monetário, a lógica passa a ser outra: daqui para frente, o que deveria cair é o juro real, e é exatamente isso que o Banco Central busca ao iniciar os cortes — reduzir o nível de aperto na economia.

Por essa razão, avaliamos com atenção o momento adequado para girar parte do portfólio em direção às NTN-Bs. O timing é importante. O bom comportamento recente do real, muito influenciado pela queda global do dólar, pode prolongar a queda da inflação implícita — e isso ainda favorece o juro nominal no curto prazo. Mas não ignoramos que a fase seguinte do ciclo tende a premiar posições em juro real, especialmente quando a redução da taxa básica ganha tração.

Do lado dos riscos, o quadro exige monitoramento constante. No cenário externo, um fortalecimento da atividade nos EUA, em especial no mercado de trabalho, pode reduzir as chances de corte de juros por lá — hoje o mercado precifica apenas 50 bps até o fim de 2026. Um Fed menos dovish seria um vetor altista para as taxas globais e poderia resultar em um dólar mais forte, com repercussões diretas sobre o real e, conseqüentemente, sobre a condução da política monetária local. Internamente, o risco fiscal se eleva em períodos eleitorais. Estímulos adicionais, ainda que transitórios, podem pressionar a moeda e os juros. Além disso, a reposição de dois diretores do Banco Central pelo presidente Lula carrega incerteza: dependendo do perfil dos indicados, a tarefa de reancorar expectativas pode ficar mais árdua. Isso teria potencial para alterar a dinâmica da queda da Selic caso o mercado passe a enxergar inflação mais alta à frente. Ainda é cedo para conclusões, mas trata-se de um risco que não pode ser ignorado.

Por ora, seguimos otimistas. Mantemos o risco concentrado em juros nominais até cinco anos, mas já atentos à necessidade de aumentar gradualmente a exposição ao juro real conforme o ciclo se desenvolve. Esta transição deverá ser feita com cuidado, acompanhando o comportamento do câmbio, a trajetória da inflação implícita e, sobretudo, a coerência entre comunicação e ação do Banco Central nas próximas reuniões.

CRÉDITO PRIVADO



- Henri Rysman
de Lockerente -

Head de Crédito Privado

// CONTINUAMOS CAUTELOSOS, DADO QUE OS SPREADS SEGUEM EM NÍVEIS HISTORICAMENTE BAIXOS APESAR DO AMBIENTE MACRO MAIS VOLÁTIL, DA TAXA DE JUROS EM PATAMAR RESTRITIVO E DO AUMENTO DA INADIMPLÊNCIA. //

De acordo com relatório publicado pelo banco ABC em janeiro de 2026, a captação líquida dos fundos de crédito voltou ao campo positivo após as saídas de novembro e dezembro, com mais de R\$ 25 bilhões nos fundos CDI e mais de R\$ 7 bilhões nos fundos de infraestrutura (O mercado primário permaneceu tímido em janeiro, com apenas R\$ 45 bilhões em emissões (55% distribuídos) e o pipeline em contínua em redução. Diante desse desequilíbrio, o mercado recorreu mais intensamente ao secundário, que movimentou mais de R\$ 113 bilhões no mês, ante R\$ 82 bilhões em janeiro de 2025.

Nos papéis não isentos atrelados ao CDI, os spreads dos títulos high grade permaneceram estáveis desde novembro, enquanto ativos high yield registraram abertura de cerca de 15 bps. No mercado isento atrelado ao IPCA, a escassez de emissões primárias, combinada à necessidade de enquadramento dos fundos, resultou em fechamento de até 45 bps nos ativos de maior qualidade.

Nas carteiras de crédito privado com foco em ativos indexados ao CDI, mantemos alocação com duration alvo de até 2 anos, de forma seletiva e com maior atuação no mercado bilateral. Setorialmente, seguimos privilegiando crédito bancário, reflexo da redução do diferencial de prêmio entre ativos bancários e corporativos e da menor oferta de emissões corporativas. Continuamos cautelosos, dado que os spreads seguem em níveis historicamente baixos apesar do ambiente macro mais volátil, da taxa de juros em patamar restritivo e do aumento da inadimplência.

Na estratégia de infraestrutura, a alocação em risco IPCA permanece próxima de 95%. A duration média da carteira segue acima do IMA-B5, devido à maior exposição a títulos intermediários (2026-2030). Considerando o nível atrativo da taxa de juros real, entendemos que ativos indexados à inflação com duration intermediária oferecem uma boa oportunidade de diversificação.

RENDA VARIÁVEL



- Marcos Kawakami -

Head Renda Variável

// NO CONTEXTO DOMÉSTICO, O ÍNDICE BOVESPA ENCERROU O MÊS COM DESEMPENHO SURPREENDENTE, REGISTRANDO ALTA CONSISTENTE JÁ NO PRIMEIRO MÊS DO ANO. //

Janeiro de 2026 foi um mês marcadamente otimista para os mercados de risco, refletindo uma forte rotação de capital para fora dos ativos norte-americanos e a consolidação da tese de depreciação do dólar. O índice S&P 500 fechou o período com alta de 1,37 %, enquanto o Euro Stoxx 50 registrou valorização de 2,70 %, superando os ativos dos EUA e contribuindo para que o MSCI World terminasse levemente positivo. Essa migração de recursos ficou ainda mais evidente no MSCI Emerging Markets, que avançou 8,81 % no mês, superando de forma consistente o desempenho dos mercados desenvolvidos.

Diversos acontecimentos impulsionaram a mudança de alocação. As ações militares envolvendo os EUA, Irã e Cuba, aliadas ao debate sobre a possível proibição de compras institucionais de imóveis nos Estados Unidos, criaram um ambiente de incerteza. Restrições a buy backs de construtoras e empresas de defesa, a intimação ao presidente do Federal Reserve, a ameaça de tarifas de 100 % sobre importações canadenses, a tensão na Groenlândia e o risco de um novo shutdown do governo americano acrescentaram elementos de risco político e regulatório que levaram investidores a buscar refúgio em ativos menos correlacionados com a política norte americana, beneficiando, sobretudo, os mercados emergentes.

Nesse cenário, os metais preciosos desempenharam, simultaneamente, a função de porto seguro e de ativo de retorno real. O ouro encerrou janeiro com alta de 11,7 % e a prata subiu 18,8 % – apesar de um movimento técnico de reversão no último pregão do mês. O setor de energia também acompanhou a tendência de alta, com o petróleo Brent avançando 16,1 % e o alumínio e o cobre registrando ganhos de 4,96 % e 5,91 %, respectivamente. Na contramão, o minério de ferro recuou 1,48 %.

Dentro do universo dos mercados emergentes, as bolsas da Coreia do Sul, Turquia, Peru e Brasil foram as grandes vencedoras, refletindo a alocação de capital para a região. Em contrapartida, Índia e Indonésia apresentaram desempenho negativo, sendo os principais responsáveis por arrastar o índice emergente.

No Brasil, janeiro foi extremamente positivo para os ativos de risco locais. O Ibovespa fechou o mês com alta de 12,56 % e o índice Small Caps avançou 10,15 %, movimentos impulsionados principalmente pela entrada de recursos estrangeiros, que chegaram a R\$ 25,3 bilhões – valor próximo ao total registrado no ano inteiro de 2025. Setorialmente, os setores de mineração, energia e financeiro lideraram a performance, com destaque para as empresas consideradas blue chips, ou seja, companhias de grande porte, estáveis, financeiramente fortes, com alta liquidez e histórico de pagamentos regulares de dividendos.

O cenário global foi marcado, sobretudo, por dois fatores que se reforçaram mutuamente. Primeiro, o fluxo de capitais estrangeiros continuou a ser positivo para os mercados emergentes, impulsionado por incertezas em torno da liderança do Federal Reserve e cortes excessivos na taxa de juro, além

disso, pelos riscos geopolíticos que ainda permeiam diversas regiões. Essa combinação gerou um viés de “busca por proteção” em ativos não dolarizados, favorecendo mercados emergentes. Em segundo lugar, as commodities apresentaram volatilidade elevada. Se por um lado a instabilidade política e as tensões internacionais contribuíram para oscilações bruscas nos preços, por outro foram os descompassos entre oferta e demanda – frequentemente provocados por interrupções na cadeia produtiva ou por mudanças abruptas nos padrões de consumo – a principal fonte de movimento.

No contexto doméstico, o Índice Bovespa encerrou o mês com desempenho surpreendente, registrando alta consistente já no primeiro mês do ano. Essa valorização refletiu a convergência de três elementos essenciais: a entrada de recursos externos em busca de retornos mais atrativos, a perspectiva de corte nas taxas de juros pelo Banco Central e a robustez dos resultados corporativos divulgados no segundo trimestre. O real, ainda que volátil, acompanhou as moedas emergentes e manteve-se em patamar que possibilitou a expectativas de inflação ficassem ancoradas, mesmo com a alta volatilidade das commodities.

Olhar para o Brasil ao longo de 2026 nos leva a identificar quatro temas que permanecerão no centro do debate econômico e político. O primeiro diz respeito ao início efetivo do ciclo de redução da taxa Selic, que deve se desenrolar ao longo dos próximos meses, trazendo ao mercado maior disponibilidade de crédito e estimulando o consumo. Em segundo plano, a desaceleração da atividade econômica – embora moderada – exercerá pressão descendente sobre a inflação, oferecendo ao Banco Central margem para conduzir a política monetária de forma mais flexível. O terceiro ponto refere-se às discussões fiscais, que ganharão relevância à medida que o governo busca equilibrar a agenda de gastos com a necessidade de manter as contas públicas sustentáveis. Por fim, o calendário eleitoral, embora ainda distante, já influencia decisões de governo e de projetos estratégicos; a definição de prioridades de investimentos e a composição dos ministérios serão debatidas intensamente antes mesmo da disputa eleitoral propriamente dita.

Com base nessas premissas, acreditamos que 2026 não será um ano de tendência marcada, mas sim de retorno à média histórica dos mercados. Nesse período, a volatilidade deverá se concentrar em ativos que apresentem performances mais pronunciadas, tanto positivas quanto negativas. Essa condição reforça a importância de mantermos uma alocação equilibrada, priorizando empresas de alta qualidade, dotadas de fundamentos sólidos, governança clara e capacidade de geração de caixa sustentável. Não pretendemos aplicar filtros setoriais rígidos; ao contrário, selecionaremos ativos que atendam a esses critérios de excelência e, simultaneamente, apresentem avaliações atrativas em termos de valuation.

Nosso compromisso permanece em monitorar, de forma constante, as variáveis macroeconômicas, os desdobramentos políticos e os indicadores de liquidez que possam impactar os mercados. Essa vigilância nos permite ajustar as carteiras de maneira ágil, preservando o capital e perseguindo os objetivos de longo prazo que definimos conjuntamente.

FUNDO DE FUNDOS



- João Uchoa Borges -

Head Fundo de Fundos

// A CONJUNTURA EXTERNA FOI DOMINADA PELA ACELERAÇÃO DO PROCESSO DE SAÍDA DE INVESTIMENTOS NOS MERCADOS NORTE-AMERICANOS, O QUE IMPULSIONOU A VALORIZAÇÃO DE METAIS PRECIOSOS E DE AÇÕES DE PAÍSES LATINO-AMERICANOS. //

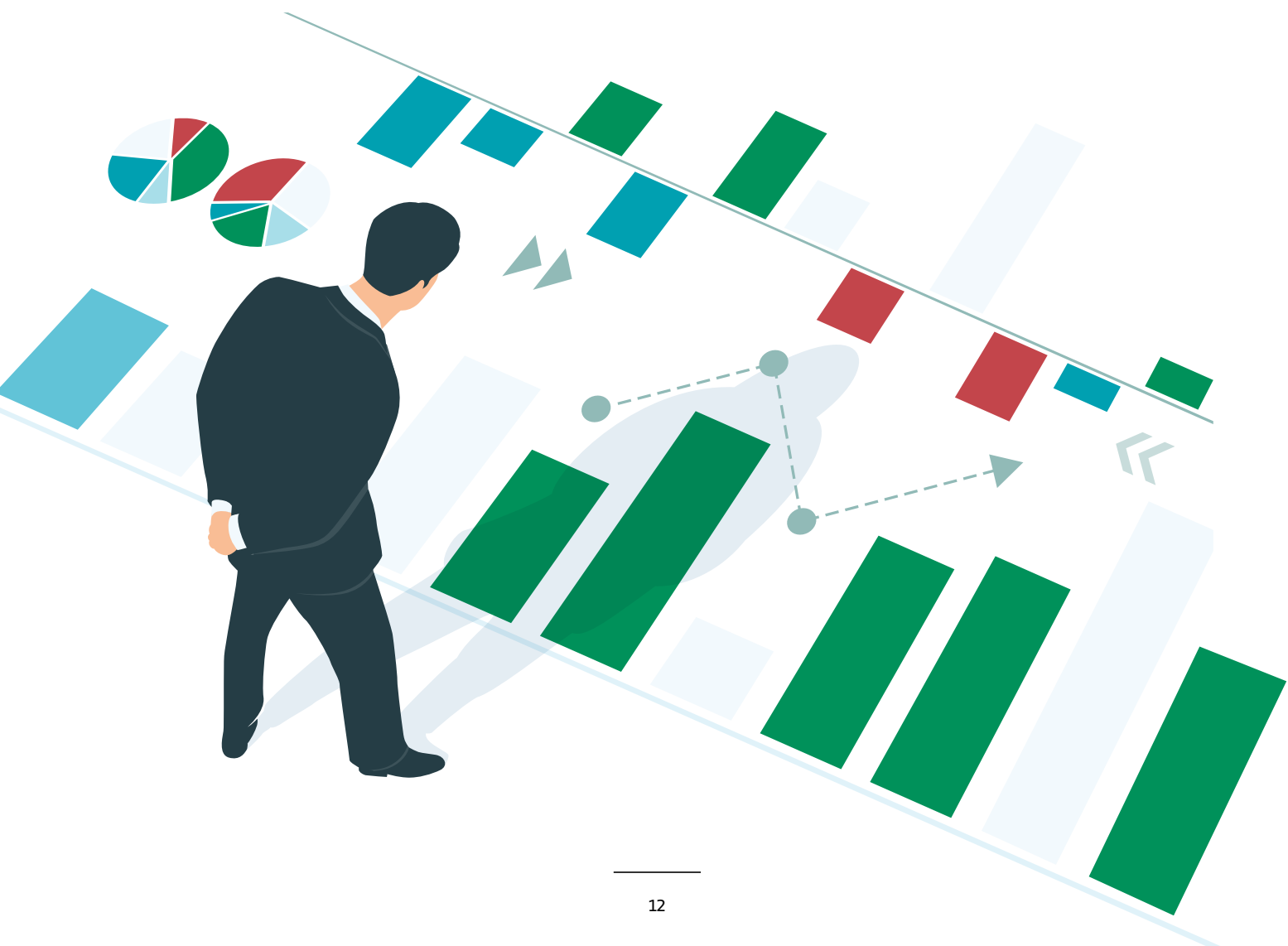
Nos EUA, a atividade econômica continua resiliente e o desemprego em mínimas históricas, porém a inflação ainda se manteve acima da meta, pressionada por tarifas comerciais. Essa combinação dificulta novos cortes de juros, pois a maioria dos diretores do Fed mantém cautela e só acomodaria a política monetária caso a estabilidade do mercado de trabalho e a desaceleração inflacionária se consolidem ao longo do ano. A curva de juros de longo prazo adotou tendência altista após a indicação do novo chairman, Kevin Warsh, que pretende reduzir o balanço do Fed.

A conjuntura externa foi dominada pela aceleração do processo de saída de investimentos nos mercados norte-americanos, o que impulsionou a valorização de metais preciosos e de ações de países latino-americanos. A desvalorização do dólar foi alimentada por três pilares: a cautela dos investidores diante da política econômica dos EUA, a exposição a riscos geopolíticos – como as sanções à Rússia, a escalada de tensões com Irã e as disputas envolvendo a Groenlândia – e a busca por ativos reais estratégicos. Enquanto isso o Federal Reserve manteve a taxa básica em 3,75 % e afirmou que a política monetária está próxima do ponto neutro.

No Brasil, o Copom preservou a Selic em 15%, mas a ata sinalizou o início de um ciclo de flexibilização a partir de março. A inflação corrente (IPCA-15) recuou para 4,5 % em 12 meses, impulsionada pela desinflação de bens industriais, o que abre espaço para cortes sem comprometer a meta de 2027. O real se apreciou e a curva de juros nominal recuou, favorecendo a entrada de R\$ 23 bilhões de recursos estrangeiros – mais de 90 % do fluxo observado em 2025 – que impulsionaram o Ibovespa, colocando o Brasil entre os maiores ganhadores da rotação global. Contudo, o quadro fiscal permanece vulnerável, com déficit primário próximo a 9% do PIB e dívida bruta projetada em 84% do PIB, enquanto a corrida presidencial – com Flávio Bolsonaro ganhando espaço e Lula perdendo alguma tração – adiciona volatilidade ao cenário de médio prazo. Internamente, a rapidez da desaceleração inflacionária, a profundidade dos cortes da Selic e a capacidade do governo de conter o déficit fiscal serão determinantes para a estabilidade dos mercados domésticos.

ÍNDICES

	CDI	IRF-M	IMA Geral	IMA-B	IMA-B 5	Dólar	Ibovespa	IBX	SMLL
Janeiro	1,16%	1,96%	1,31%	1,00%	1,20%	-4,95%	12,56%	12,67%	10,15%
2026	1,16%	1,96%	1,31%	1,00%	1,20%	-4,95%	12,56%	12,67%	10,15%
12 meses	14,54%	17,64%	14,75%	12,94%	10,97%	-11,36%	42,90%	42,45%	34,55%



Este documento foi produzido pelo Banco BNP Paribas Brasil S.A. ou por suas empresas subsidiárias, coligadas e controladas, em conjunto denominadas 'BNP Paribas Brasil', com fins meramente informativos não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento ou desinvestimento de ativos. O BNP Paribas Brasil é instituição financeira regularmente constituída e em funcionamento no país e devidamente autorizada pelo Banco Central do Brasil e habilitada pela Comissão de Valores Mobiliários para a distribuição de cotas de fundos de investimentos. A BNP Asset Management Ltda. é a instituição devidamente autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários como prestador de serviços de administração de carteiras categoria gestor de carteira.

Apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, o BNP Paribas Brasil não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem sofrer mudanças a qualquer momento sem aviso prévio. Esse material não caracteriza nenhuma oferta de investimento. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Esse documento contém informações e declarações prospectivas referentes ao BNP Paribas Brasil e ao mercado em geral. Essas declarações não constituem fatos históricos e abrangem projeções financeiras e estimativas, bem como hipóteses sobre as quais estão baseadas declarações relativas a projetos, objetivos e expectativas relacionadas às operações, produtos e serviços futuros ou performances futuras. Essas declarações prospectivas podem ser identificadas pelas palavras «esperar», «antecipar», «acreditar», «planejar» ou «estimar», bem como por outros termos similares; Informações e opiniões contidas neste documento foram obtidas de fontes públicas por nós consideradas confiáveis, porém nenhuma garantia, explícita ou implícita, é assegurada de que as informações são acuradas ou completas, e em hipótese alguma podemos garantir a sua ocorrência. O BNP Paribas Brasil não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento foi produzido para uso exclusivo do seu destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio consentimento do BNP Paribas Brasil. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. O BNP Paribas Brasil não se responsabiliza por eventual perda causada pelo uso de qualquer informação contida neste documento. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

Em janeiro/2025, a Fitch Ratings reafirmou o Rating Qualidade de Gestão de Investimentos da BNP Paribas Asset Management Brasil Ltda. ("BNPP AM Brasil") para "Excelente". A Perspectiva do Rating é Estável. A reafirmação do rating 'Excelente' da BNPP AM Brasil reflete a opinião da Fitch de que a gestora tem capacidade de investimento e características operacionais fortes. Os Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos seguem uma escala Global e são atribuídos em escala descritiva de cinco graus que vão de "Excelente" até "Fraco". Os ratings mais elevados - 'Excelente' e 'Forte' - são aplicados a gestores de recursos que atendam ou excedam os padrões tipicamente aplicados pelos investidores institucionais nos mercados internacionais. A metodologia de Atribuição de Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos da Fitch Ratings foi projetada para sistematicamente capturar, avaliar e reportar os principais atributos da plataforma operacional e de investimentos de um gestor de recursos, focando cinco pilares principais: processo de investimento; recursos de investimento; gestão de riscos; desempenho do investimento; e companhia, incluindo atendimento aos clientes. Para obter informações adicionais sobre a metodologia, acesse o website da agência, 'www.fitchratings.com.br'.

Você poderá acessar a Ouvidoria pelo telefone - 0800-7Des15999 ou através do e-mail: ouvidoria@br.bnpparibas.com - O horário de funcionamento da Ouvidoria é de segunda-feira à sexta-feira, das 9h às 18h. Acesse: brasil.bnpparibas (Administrador) ou bnpparibas-am.com/pt-br (Gestor). MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. Fevereiro/2026. CP 02.2026

VIEWPOINT



BNP PARIBAS ASSET MANAGEMENT

O investidor sustentável para um mundo em mudança